

O universo de J. R. R. Tolkien em versão anime

PÁGINA 3



'Ninguém Sabe Meu Nome' entra na última semana

PÁGINA 7



Exposição mapeia a trajetória de Ascânio MMM

PÁGINA 8



2º CADERNO

Fernando Pastorelli/Divulgação

Imune ao passa e repassa do mercado, consagrado como campeão de bilheteria, Leandro Hassum encara o desafio de viver o maior comunicador do país num candidato a blockbuster

Por **Rodrigo Fonseca** Especial para o Correio da Manhã

Rachado entre dois jingles, de um lado o “Collorir pra mudar”, do outro “Lula lá, brilha uma estrela”, o Brasil de 1989, às vésperas de sua primeira eleição presidencial democrática após 21 anos de ditadura, passou dez dias a cantarolar “É o 26! É o 26! Com Silvio Santos chegou a nossa vez”. Naquele ano, entre o finalzinho de outubro e a segunda semana de novembro, às vésperas de o país ir às urnas, o maior comunicador da história da televisão latino-americana fez de seu carisma um trampolim para o Planalto. Citava entre as prioridades básicas de seu plano de governo ações nas áreas de alimentação, saúde, habitação e educação, além de um ataque à inflação alta e a correção no salário mínimo.

Os reclames publicitários de seu projeto rumo à Brasília atestavam: “Agora o povo está contente/ Já temos em quem votar”. Até o TSE impugnar sua candidatura, alegando irregularidades no registro de seu partido (o PMB) e vínculo com um canal de TV (o SBT), o camelô mais midiático das Américas tirou votos do PT e do PRN de Collor e fez seu fã-clubes sonhar em vê-lo com a faixa de Presidente da República. Foi um período conturbado para o apresentador, para seus adversários e para a democracia, com episódios dignos de sátira política ou de thriller.

No entanto, a versão que o longa-metragem recém-rodado “Silvio Santos Vem Ai” promete trazer desse tempo é de riso, é de afeto e é de brasilidade - a santíssima trindade de valores que fizeram de Leandro Hassum a maior diversão.

“Falou ‘domingo’, pensou Silvio Santos, um artista que, embora todo mundo imite - menos eu -, é inimitável. Quanto mais eu tento não fazer o Silvio neste filme, mais Silvio eu fico”, diz o ator de 51 anos, campeoníssimo de bilheteria, ao receber o Correio da Manhã no set de seu novo longa, nos estúdios da Quanta, em São Paulo.

“É engraçado que eu fiz a Aracy de Almeida (cantora e jurada do “Show de Calouros”) no teatro e, agora, estou fazendo o Silvio. É mais uma reinvenção para mim, que me desafio sem medo dos processos criativos. Fui desafiado quando fui para a TV. Fui desafiado quando virei pai. Tô no desafio agora de ser avô, com uma netinha de meses. E fui desafiado quando resolvi encarar o cinema e virei blockbuster. O desafio aqui é respeitar a figura de um homem muito autêntico”. **Continua na página seguinte**



Leandro Hassum: ‘Falou domingo, pensou Silvio Santos, um artista que, embora todo mundo imite - menos eu -, é inimitável.



Leandro Hassum no papel do maior animador da TV brasileira em 'Silvio Santos Vem Ai'

'O Brasil foi alfabetizado pela televisão e Silvio Santos teve um papel essencial nisso'

Coube à cineasta Cris D'Amato, diretora da franquia milionária "S.O.S. Mulheres ao Mar" (2014-15), dar um colorido leve ao histórico presidenciável de Senhor Abravanel (1930-2024), nome real de Silvio, trazendo as figuras míticas de seus programas (como Lombardi e Roque) para a telona numa produção da Paris Entretenimento.

"Não é um filme político, mas, sim, um filme de homenagem, que capta a essência do Silvio", diz a diretora, que trabalhou em séries como "As Cariocas" e "As Brasileiras" ao lado do Midas da teledramaturgia Daniel Filho. "O Brasil foi alfabetizado pela televisão e Silvio Santos teve um papel essencial nisso. Eu, que nasci no Leblon, quando criança, ia visitar minhas avós na Tijuca e na Vila Isabel, aos fins de semana, e chegava lá na hora do 'Domingo no Parque' e saía no horário do 'Show de Calouros'. Por onde eu andava naquelas ruas, eu ouvia TVs sintonizadas no Silvio Santos. Essa vivacidade e essa alegria que ele simbolizava guiam o filme, no roteiro do Paulo Cursino e no trabalho do Hassum, que nunca faz caricatura dele".

Depois do fracasso que foi "Silvio", com Rodrigo Faro, há que se temer releituras caricatas do ícone do antigo canal 11, a ex-TVS, que comandava "Namoro na TV" e o "Show do Milhão" com a mesma picardia. Porém, quem tem Hassum no elenco conta com um titã.

"O recorte de 1989 é uma forma de falar do poder que a TV teve de quase eleger um animador", diz o astro, que tem outros filmes prestes a sair da forno, como "O Rei da Feira".

Em 2012, conhecido por uma silhueta GG que deixou para trás numa bariátrica, Hassum protagonizou "Até Que a Sorte Nos Separe", um projeto da Gullane Pictures, sob a direção de Roberto Santucci ("De Pernas Pro Ar"). À ocasião, ele brilhava na TV (onde ainda brilha) e bombava nos palcos (como ainda bomba), mas almejava engatar uma carreira solo como protagonista na telona. Vendeu, de cara, 3.432.448 ingressos. Emplacou duas continuações, além de ter estrelado uma segunda franquia, "O Candidato Honesto". Só nessas duas cinesséries e num derivado de "Os Caras de Pau", ele arrastou 15 milhões de pagantes ao circuito, assumindo um trono outrora ocupado por Oscarito, Mazaropi e Renato Aragão: o posto de rei do humor varejão. Renovou a majestade no streaming, em 2020, quando "Tudo Bem No Natal Que Vem" tornou-se um dos mais invejados fenômenos de audiência da Netflix. Simbiose mais perfeita com a persona de Silvio é impossível.

"No cinema, o Paulo Cursino é a minha voz. Nossa parceria é grande e bonita. Um

dia, lá em 2017, ele me disse que queria escrever a biografia do Silvio e pensava em mim para o papel. A minha reação foi: 'Você comeu cocô? Só pode'. Aí, nessa época, passei um período mal. Tinha acabado de emagrecer e achava que tinha perdido a graça. Nesse momento eu esbarrei com um grafite do Silvio Santos jovem e pensei: 'Tem semelhança'. O tempo passou e o projeto acabou rolando e veio de uma forma em que não consigo usar as cartas que tenho na manga. Não é um projeto meu. É um projeto em que brinco sem meus brinquedos habituais, num caminho de descoberta", diz o comediante, sem medo da correção política contemporânea. "Quem

tem repertório vai continuar tendo público, pois a plateia sabe separar o joio do trigo. Agora, quem só sabe explorar as pautas da opressão, uma hora vai cair".

Pautado pela audácia habitual (e precisa) de Cursino, um dos roteiristas de maior êxito comercial do país, "Silvio Santos Vem Ai" revela os bastidores do programa dominical do SBT a reboque da eleição de 89. Na trama, Manu Gavassi interpreta Marília, publicitária que vai trabalhar com Silvio. Embora fique desconfiada com seu populismo, ela vai, aos poucos, sendo conquistada pela garra dele.

"Não uso prótese para compor o Silvio e não busco comparação com seu jeito de

apresentar. O que eu quero é um retrato que mostre sua humanidade", diz Hassum. "Silvio tinha uma força gigante e é ela que eu busco".

Com direção de fotografia de Hércio Alemão Nagamine e direção de arte de Magherita Pennacchi, "Silvio Santos Vem Ai" é uma das apostas da Paris para lotas as telas em 2025.

"Tem gente que fala da televisão com desdém, sem entender a importância dessa mídia para o nosso país", diz Cris D'Amato, que encerrou as filmagens no início da semana. "Se a analogia com a TV for com TV de qualidade, com teledramaturgia boa, a gente acertou. E Silvio é coisa boa. É coisa nossa".

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Daqui a cinco dias, o bordão “My Precious!”, eternizado na boca carcomida do Gollum, será ouvido nas telas brasileiras uma vez mais, com a reestrea da trilogia “O Senhor dos Anéis” na rede Cinemark, com sessões de segunda a quarta, numa dobradinha (imperdível) com a estreia “A Guerra dos Rohirim”, releitura animada do universo criado por John Ronald Reuel Tolkien (1892-1973), entre 1937 e 1955.

Estima-se que o anime pilotado pelo cineasta Kenji Kamiyama vá estar entre os concorrentes ao Oscar de 2025, pela excelência visual de sua direção de arte e pela potência de suas tomadas de batalha. Philippa Boyens, roteirista neozelandesa oscarizada em 2004 por “O Retorno do Rei” (que será projetado no Rio na próxima quarta-feira), produziu e supervisionou o desenho animado num alinhamento com a tradição nipônica estruturada por artesões como Hayao Miyazaki.

“Foi um processo de aprendizado com Kenji, um mestre das artes visuais, num sistema de trabalho em que a forma veio antes da dramaturgia, para que o projeto se adaptasse ao olhar autoral dele, numa história protagonizada por uma heroína que não seguisse o arquétipo da princesa guerreira e, sim, um caminho mais realista”, disse Philippa via Zoom ao Correio da Manhã. “Kenji é um criador que tem um ritmo fantástico”.

Em 1978, a prosa de Tolkien foi animada em 2D sob a direção de Ralph Bakshi, um dos papas das narrativas líricas. Já em cartaz no Rio, “The Lord of the Rings: The War of the Rohirim”, de Kenji, combina o trágico e o épico, numa perspectiva mais seca do que a de Bakshi.

“Sou fã dos livros de Tolkien e, ao conceber o projeto, pensava sempre: ‘Que filme eu quero ver?’. O que me atraiu para esse desafio foi a mirada dramática. A fantasia é um gênero que casa muito bem com a animação pois a linguagem animada nos permite imaginar mundos novos, inusitados, mas eu precisava ter raízes fincadas no drama”, diz Kenji ao Correio.

Realizador das séries “Ghost in the Shell: Stand Alone Complex” e “Blade



A jovem Hèra é obrigada a amadurecer à força do aço em ‘A Guerra dos Rohirim’

Tolkien tá animado

O anime ‘A Guerra dos Rohirim’ leva o cinema de volta à Terra-Média, mundo imaginário que foi celebrizado no audiovisual na trilogia ‘O Senhor dos Anéis’, que volta à telona no dia 16



O Retorno do Rei, laureado com o Oscar de Melhor filme há 20 anos, terá exibições no Rio na rede Cinemark, no dia 18

Divulgação

Divulgação

Runner: Black Lotus”, Kenji revisitou a Terra-Média, o território ficcional desbravado por Tolkien entre 1937 e meados da década de 1950, a partir de um roteiro escrito por Phoebe Gittins, Jeffrey Addiss, Will Matthews e Arty Pappageorgiou, a partir de apêndices de “O Senhor dos Anéis” (1954-55). Sua trama envolve a jornada de amadurecimento de Hèra, caçula do rei Helm Mão-de-Martelo (cujá voz, na versão original, é de Brian Cox), depois que suas terras sofrem um ataque das hordas do povo Dunlending, liderado pelo traícoeiro Wulf. Interpretada por Gaia Wise na versão original (e dublada aqui por Jessica Vieira), Hèra não é uma heroína justiceira clássica, mas sim uma filha leal a um pai protetor, ainda que de verve machista, a qual ela contesta. Lutas fervorosas e escolhas delicadas fazem com que ela cresça, desafie o sexismo e descubra o quanto a Terra-Média pode ser perigosa, sobretudo com a aparição de um certo Saruman, mago interpretado por Christopher Lee (1922-2015) nos longas de Jackson. A descoberta de um arquivo com falas original do ator permitiu que seu vozeirão pudesse ser reaproveitado na viagem de Kenji a Rohirim.

“Não queríamos retomar a disputa pelos Anéis do Poder já narrada em live-action antes, mas explorar com realismo o que não foi contado”, disse Philippa.

Em meio às comemorações dos 21 anos de “O Retorno do Rei” (2003), Jackson vem levantando um vasto material de imagens de arquivo sobre os bastidores das filmagens da adaptação da saga de J. R. R. Tolkien para um possível documentário. Há tempos, o cineasta anda dedicado mais a narrativas do real do que a ficção, vide o estrondoso sucesso de “Get Back”, sobre os Beatles, na Disney+. A Prime Video, da Amazon, anda exibindo um de seus melhores trabalhos nessa seara, a dos docs. revisionistas: “Eles Não Envelhecerão” (2018), sobre a I Guerra Mundial. Ele anda debruçado ainda sobre as HQs do quadrinista belga Hergé (1907-1983), adaptando uma aventura do jornalista Tintin. O novo longa ficcional de Jackson deve ser uma animação baseada no gibi “Os Prisioneiros do Sol”. Mas há quem diga que algo ligado a Tolkien saia das mãos Jackson antes disso.

Hoje, também na Amazon Prime, é possível curtir as paisagens da Terra-Média a partir da série “O Senhor dos Anéis”.

Atemporalidade confirmada

Divulgação



Neste 10 de dezembro, aniversário de Cássia Eller, uma de suas poucas composições ganha versão collab reunindo a cantora, Chico Chico, Zélia Duncan e Juiana Linhares

Quando um jornalista lhe perguntou se sua música falava a língua de uma geração, Cássia Eller respondeu: “Acho que sim. Mas não tenho certeza. Apesar de que as coisas precisam de um tempo longe para sabermos o que estava realmente perto da gente...”. O tempo de fato passou e hoje não há dúvidas. A obra de Cássia representou não apenas os jovens de sua época, como vem se revelando nas gerações seguintes. É o que mostra a música “Eles”, uma das poucas escritas pela artista em sua carreira, que acaba de ganhar uma versão especial e contemporânea produzida por Rodrigo Garcia: Uma collab entre Cássia Eller, seu filho Chico Chico, a jovem cantora Juliana Linhares e sua amiga Zélia Duncan. O single e clipe de “Eles” chegam às plataformas de streaming neste 10 de dezembro, data de aniversário da cantora, via Universal Music.

O encontro a quatro vozes em “Eles” envolve o chamado de liberdade que a letra evoca: “Os meninos e as meninas / Os meninos e os meninos / As meninas e as meninas / Eles só querem é gozar / E que os deixem a sós (...) / Eles só querem é amar / E que os deixem em paz”. Mais atual, impossível.

Lançada originalmente no álbum “O Marginal”, em 1992, a música foi composta em parceria com o poeta Luiz Pinheiro e Tavinho Fialho, baixista de sua banda e pai de Chico Chico. A combinação de vozes de Cássia, Chico, Zélia e Juliana evoca e libera os sentidos, a liberdade e o prazer, sem perder a ternura.

“É uma letra que tem tudo a ver com o contexto atual, do que vem sendo discutido sobre a igualdade de gêneros. E nessa música Cássia já falava disso de uma forma muito poética, muito suave, de um jeito minimalista e ao mesmo tempo forte, passando uma men-

Nesta nova versão da autoral ‘Eles’, a voz de Cássia Eller ganha a companhia de seu filho, da amiga Zélia Duncan e da jovem Juliana Linhares

Divulgação



sagem importantíssima”, diz Rodrigo Garcia.

O músico e produtor já vinha com a ideia de gravar duetos de composições da cantora com artistas amigos, começando com a Zélia Duncan, e viu nesta oportunidade o pontapé inicial. “Ao começar a trabalhar na canção, achei interessante incluir mais vozes e logo pensei na Juliana Linhares. Acreditamos que a Cássia iria gostar do seu trabalho. E também chamei o Chico, que nunca havia gravado algo com ela, e sendo uma música do pai e da mãe, ele topou”, conta Garcia. “É uma canção pouco conhecida da Cássia. Tem um sabor muito grande de ineditismo”, opina ele,

que mesclou a voz da gravação original com takes alternativos que não entraram no disco.

A nova versão de “Eles” direciona os holofotes para a marcante linha de baixo de Tavinho Fialho. O rock’n’roll da gravação original abre espaço para a música latina, brasileira, com muito suingue um “naípe” de percussões que traz uma sonoridade moderna e alinhada com a artista e os novos intérpretes. “Nosso desejo era fazer um arranjo percussivo com o baixo genial do Tavinho conduzindo a canção. Pra mim, ele é o grande destaque. Ao invés de usar bateria, adicionamos percussões, como o pandeiro e beats de Marcos Suzano; as congas e tambores de candombe, um ritmo do Uruguai, de Álvaro Salas; o reco-reco de Durval Pereira, o triângulo de Thays Sodré e o cowbell de Alex Merlino”, explica Rodrigo Garcia.

Ele próprio gravou algumas linhas de violão e adicionou a guitarra de Walter Vilaça, grande parceiro da carreira de Cássia no instrumento. “Achamos o resultado bem legal e destacamos o Tavinho como se ele fosse também um artista da faixa, uma vez que ele criou uma linha de baixo incrível e é o compositor”, completa.

O clipe de “Eles” traz uma emoção à parte, com imagens da gravação em estúdio e uma apresentação da cantora ao lado de Tavinho Fialho no Circo Voador. “O que busquei capturar neste vídeo é o encontro de vozes, olhares, risadas, abraços e afetos que brotam

da obra de Cássia. Fiz imagens que buscaram uma estética mais íntima e próxima, para que quem assista sinta-se também ali, naquele momento”, conta o diretor Rafael Saar, que ainda incluiu na edição imagens da letra manuscrita e ilustrações de Cássia presentes no encarte do álbum “O Marginal”. O título “Eles” usado no grafismo do clipe foi adaptado pelo designer Emerson Ferreira a partir da letra da cantora. “Fazer este trabalho tem uma dimensão muito profunda na celebração desta artista única e tão presente. É uma canção que ainda hoje é muito transgressora, atual e necessária”, opina Rafael.

Com seu jeito irreverente e tímido ao mesmo tempo e uma presença de palco conquistadora, Cássia Eller encantou meninos e meninas. A liberdade sempre foi sua maior luta e conquista. E a nova gravação reverbera e ecoa essa mensagem. “Acho que esse negócio de geração é muito engraçado (...). Nem sempre estamos no lugar certo, com a turma certa ou num tempo que tem a ver com nossas ideias. Não creio que todo mundo seja igual ou que determinada faixa-etária pense igualzinho. Ninguém é igual a ninguém. Graças a Deus. Geração é só um momento que a gente vive”, disse ela, na mesma entrevista.

Na época, Cássia não refletia sobre seu legado, mas hoje os meninos e meninas agradecem a sua escrita, coragem e ousadia. Que venham novas versões para fazer o nosso mundo mais completo.

Canções entre o sublime e o que pode ser fatal

‘Cabomedusa’, primeiro álbum solo do artista gaúcho Jokin, se inspira no dualismo e contradição da água-viva

Jokin - faceta do músico e produtor musical gaúcho Joaquim Mota, da banda Esquimós, reflete o mundo ao seu redor no intenso álbum “Cubomedusa”. Idealizado como projeto solo e executado como um trabalho colaborativo, o debut é nomeado segundo o nome científico de uma água-viva, que parece frágil mas é um dos animais

mais mortais do planeta, como uma dualidade da fragilidade e beleza da vida.

O álbum é uma obra composta por oito músicas que se dividem entre português e inglês para trazer questões existenciais sobre a vida e o sublime, se inspirando no indie, no jazz e até com referências de hip hop.

“Cubomedusa” fala sobre esse dualismo da vida, desse dualismo



Thamires Seus/Divulgação

Jokin traz em seu álbum solo canções que tratam de questões existenciais

que esse símbolo dessa água-viva, um animal tão lindo, mas ao mesmo tempo exatamente letal, traz pro conceito do álbum. A ideia é traçar uma comparação desse dualismo ao dualismo da condição humana, tão linda, porém tão frágil”, conta ele

Nos últimos anos, Jokin cola-

borou com diversos compositores, músicos, artistas visuais, fotógrafos, cineastas e bailarinos para desenvolver sua própria faceta artística e esse caldeirão de experiências será registrado no projeto que em diversos momentos transforma essa busca por conexões como parte de sua lírica.

Durante a pandemia e no meio do isolamento, ele sentiu a necessi-

dade do coletivo. Foi durante esse período que, junto à banda Esquimós, projeto do qual faz parte há mais de 10 anos, lançou pelo Escápula Records três compactos com participações de diversos artistas diferentes, gravados em isolamento.

Em 2022, Joaquim começou a trabalhar com o músico e produtor musical Gustavo Cunha na produção do álbum. O resultado foram camadas sonoras que criam verdadeiras ambientações, com texturas e ruídos complementando a cama de gêneros. As influências vão do experimentalismo eletrônico de James Blake e Bon Iver até a música brasileira plural de Rodrigo Amaranter e Criolo.

O projeto recebeu apoio financeiro do Procultura da Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Pelotas, sua cidade natal, para a realização do primeiro álbum. Produzido pelo artista ao lado de Cunha, “Cubomedusa” está disponível em todas as plataformas de música via YB Music.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Tradição natalina

Fenômeno da música contemporânea, Laufey lançou mais uma etapa do já tradicional EP natalino A Very Laufey Holiday incluindo um clipe da clássica “Santa Baby”, com participação de Bill Murray. “Escrever uma canção original de Natal foi um desafio muito divertido”, diz Laufey. “Meus fãs sabem que eu adoro a temporada de festas, e eu queria dar algo especial a eles este ano para agradecer por todo o apoio. Ter uma música original no filme ‘Operação Natal’ foi um prazer, e combinar as duas coisas foi o presente perfeito!”, diz.

Divulgação



Sophia Matinazad/Divulgação

Contém latinidade

Cantora pop nova-iorquina de ascendência porto-riquenha, Blanca é uma voz poderosa na música contemporânea com canções que celebram suas raízes. Uma delas é “Worthy”, que ganha uma nova versão com Yandel, artista-referência no reggaeton. A colaboração, com sonoridade dançante e inspirada pelo afrobeats, chega com um clipe dirigido por Fernando Lugo. “O entusiasmo que senti ao fazer esta música em espanhol traz um momento de completude das minhas raízes, de quem eu sou e da minha criação”, diz Blanca sobre essa uma prévia de seu próximo álbum.



Leo Nakamura/Divulgação

Xaxado na metrópole

Sensação da noite carioca, o grupo O Xaxadinho se prepara para lançar o seu primeiro single. “Xaxado Urbanizado” chega às plataformas no Dia Nacional do Forró, 13 de dezembro. O single de estreia marca a trajetória da mais nova geração que carrega a bandeira de um movimento que exalta a mistura entre a música nordestina e a cultura urbana. Inspirados na herança cultural do cangaço, o Xaxado, festa em que os cangaceiros comemoravam suas vitórias, o grupo traça um paralelo entre a celebração da vida em meio ao caos social daquela época e o caos das metrópoles atuais.

Portal do grupo será lançado no tradicional espetáculo gratuito de fim de ano do coletivo nos Arcos da Lapa

Às vésperas de completar 45 anos de história dedicados à arte popular, o grupo Tá Na Rua lança neste sábado (14) o site www.grupotanarua.com.br, contendo todas as imagens, textos, documentos, roteiros, vídeos e registros de espetáculos, curso e atividades culturais apresentados ao longo dessas quase cinco décadas.

O lançamento será realizado no tradicional espetáculo de fim de ano do grupo, apresentado há 44 anos nas praças e espaços públicos da cidade do Rio de Janeiro, o “Auto de Natal – o Auto do Renascimento” na Praça Cardeal Câmara, na Lapa.

Com o propósito de promover um contato direto com a cidade e o cidadão, o evento aborda os ritos e significados em torno do Natal evidenciando bem o trabalho do grupo, com uma manifestação de arte pública, gratuita e aberta a todas as idades. Na montagem deste ano o grupo propõe uma reflexão sobre o renascimento, tema que norteará as apresentações.

Fundado pelo renomado diretor Amir Haddad, o Tá Na Rua se tornou Patrimônio Imaterial do Estado do Rio de Janeiro em 2011, contribuindo para a formação de um grande número de artistas e para o desenvolvimento cultural da cidade, abrindo caminho para o surgimento e a consolidação de diversos coletivos teatrais e tornando-se referência nacional no campo das artes, educação e cidadania. A criação do site faz parte do projeto “Tá Na Rua Tem História” que foi contemplado pelo edital Programa Funarte Retomada 2023 – Teatro, realizado pela Funarte / Ministério da Cultura / Governo Federal, projeto desenvolvido ao longo de todo o ano de 2024.

Além da trajetória do Tá Na Rua, amantes do teatro e da cultura popular terão a oportunidade de conhecer detalhes da história de Amir Haddad, um dos maiores diretores e teatrólogos do Brasil com reconhecimento internacional. Com uma vida inteira dedicada às artes cênicas



Tá na Rua (e está na web)

Criado por Amir Haddad, o Tá na Rua encena anualmente seu auto natalino em espaços públicos da cidade

e ganhador de diversos prêmios da categoria, Amir brinca ao falar da importância de unir cultura e tecnologia. “Quem disse que eu me rendi à internet? Eu lido com o ser humano vivo, é teatro que eu faço! A internet é importante porque vai permitir que as pessoas tenham acesso a todo material acumulado ao longo de quase 45 anos de trabalho do ‘Tá na Rua’. Nisso a internet ajuda muito”, afirma Haddad.

Com curadoria e coordenação de Ana Carneiro, (co-fundadora do Tá Na Rua), projeto visual de Leandro Felgueiras e apoio institucional da Cinemateca do MAM, o site é um espaço para pesquisas sobre teatro de rua e divulgação de produções artísticas, oficinas, cursos, palestras e demais atividades do Centro Cultural Casa Tá Na Rua. “Há um aspecto afeti-

vo e emocional nessa construção por ver materializado um sonho que perpassa a longo tempo a trajetória do Tá na Rua. É uma satisfação como pesquisadora saber que, com o site, estamos criando um espaço virtual onde toda a história desse trabalho tão importante poderá ser lida por aqueles que se interessam em conhecer um pouco mais sobre o teatro brasileiro. Desde suas origens, o Tá na Rua se preocupou em documentar seu processo de trabalho, tanto por meio de anotações, como por imagens, que permitem hoje se conhecer a prática artística que, pouco a pouco, corporificou nossa linguagem”, lembra Ana Carneiro.

O site também oferece informações sobre os diversos setores que, estruturados legal e juridicamente pelo grupo para as

artes, educação e cidadania, constituem as atividades desenvolvidas pelo Tá Na Rua (produção artística); pelo Centro Cultural Casa do Tá Na Rua; pela Escola Carioca do Espetáculo Brasileiro (espaço de passagens de saber e pesquisa teatral); pelo Fórum de Arte Pública (cidadania); pelo acervo Tá Na Rua (Centro de Memória e Documentação do grupo), onde se encontram todos os registros documentais; e, finalmente, pelo setor administrativo e de produção do grupo.

SERVIÇO

AUTO DE NATAL - AUTO DO RENASCIMENTO

Praça Cardeal Câmara (Arcos da Lapa)

14/12, às 16h | Entrada franca

De volta ao Rio, o espetáculo “Ninguém Sabe o Meu Nome” encerra sua temporada neste domingo (15) no Espaço Cultural Municipal Sérgio Porto. Idealizada por Ana Carbatti, que assina a dramaturgia com Mônica Santana, a montagem com direção de Inez Viana e Isabel Cavalcanti foi aclamada por público e crítica em diversos estados do Brasil, trazendo na bagagem indicações a prêmios.

Tendo como ponto de partida o dilema de uma mãe preta ao falar sobre o racismo com o filho, em cena a atriz se multiplica em muitas vozes para trazer ao palco reflexões sobre os códigos racistas já implícitos em nossa sociedade, bem como seus impasses, impactos e possíveis propostas de reparação.

“É lindo e muito emocionante retornar ao Rio, é como voltar para casa! Este projeto nasceu de reflexões muito pessoais, e foi construído com uma equipe que se tornou uma família. Como uma aldeia. E todo mundo sabe como é difícil manter um espetáculo teatral no nosso país. A resposta do público e da mídia que recebemos até hoje é um privilégio. E a gente não para de fazer novos planos pra peça, que se realimenta a cada temporada, a cada teatro que a gente visita, em cada cidade munida de suas peculiaridades, porque ele se realiza com a presença do público, mesmo. Estou com uma expectativa muito positiva pra essa temporada”, entusiasma-se Ana, indicada ao Prêmio Shell e Prêmio APTR por sua performance.

A peça começa quando a personagem acorda de um pesadelo onde ocorre o desaparecimento do menino. A partir daí, começa a questionar sua própria existência e sua função na sociedade, como mulher e mãe. Em uma conversa íntima com o público, ela discorre sobre suas principais angústias, medos e esperanças, falando através de todos os seus sentidos. Usando o humor, a peça provoca engajamento e empatia e procura conscientizar o público da dívida histórica que se tem para com a população preta e a necessidade de reparação, combatendo ainda o racismo estrutural. Para a diretora Isabel Cavalcanti, é urgente falar sobre o racismo no Brasil e sobre a violência sofrida pelas pessoas pretas, que compõem a maioria da população do Brasil - primeiro país do mundo com maior população preta fora do continente africano.

“É fundamental repensar a história brasileira e promover esse debate no tea-



A peça começa quando a personagem interpretada por Ana Carbatti acorda de um pesadelo onde ocorre o desaparecimento do menino.

Refletindo códigos racistas

tro, onde ainda é possível estabelecer um diálogo amoroso”, declara Isabel. “Como artista e como mulher negra em plena atividade eu fico muito contente de estar, de alguma forma, contribuindo para a construção de uma sociedade inclusiva. O Mês da Consciência Negra é um espaço pra se lembrar do quanto esse país precisou da presença negra para se constituir. Enquanto eu puder e enquanto me for dado espaço, eu quero estar ali, no palco, sendo motor dessa lembrança”, complementa Ana Carbatti. Imbuída do intuito de partilhar as descobertas da cena e partindo de um objeto não dramático, a atriz oferece

a oficina de teatro gratuita “Meu corpo: ação e emoção teatral” no dia 07 de dezembro, das 14h30 às 18h30, no próprio teatro onde se apresenta com a peça.

A atriz e idealizadora reitera, contudo, que a intenção da montagem nunca foi constranger ninguém. “O barato é que o espetáculo fala pra todo mundo. Algumas pessoas não negras me dizem que se sentem envergonhadas. Eu não faço esse espetáculo pra isso, lógico que não! Mas eu entendo que essa sensação ajuda a se colocar numa posição que vai além da contemplação, além da resignação. E é disso que nós precisamos para mudar o

caminho. As pessoas pretas veem suas histórias repetidas ali, se sentem acolhidas, representadas, e encontram espaço de expressão. Já as brancas abrem suas escutas e reconhecem seus lugares de privilégio, se fazem perguntas que nunca haviam feito antes. Então, eu fico com a impressão que a sociedade, como um todo se sente, contemplada”, comemora Ana.

Além de 10 cidades no estado do Rio de Janeiro, a montagem já passou por Belo Horizonte (MG), Passo Fundo (RS), Porto Alegre (RS), São Paulo (SP), Curitiba (PR), Fortaleza (CE) e Salvador (BA). “O espetáculo mantém sua estrutura original, mas ele tem essa coisa linda que só o teatro carrega de acontecer no momento presente, na presença da relação entre ator e público. Então, sinto que a peça muda sempre, porque a resposta e a interação do público é 50% do que faz desse espetáculo o acontecimento que ele é”, finaliza Ana Carbatti.

SERVIÇO

NINGUÉM SABE MEU NOME

Espaço Cultural Municipal Sérgio Porto (Rua Humaitá, 163)

Até 15/12, sexta e sábado (20h) e domingo (19h)

Ingressos: R\$ 50 e R\$ 25 (meia)



A obra de Ascânio MMM reúne várias influências e questões centrais na arte brasileira e latino-americana dos últimos 60 anos

Uma referênciã viva da arte brasileira

Nascido em Portugal e radicado no Brasil, Ascânio MMM é uma figura emblemática da escultura brasileira, reconhecido internacionalmente por suas obras que dialogam de forma harmoniosa entre arquitetura e arte. O artista desenvolveu um estilo marcante, caracterizado por formas geométricas precisas e imponentes, que transformam espaços públicos em verdadeiras galerias a céu aberto. Sua obra reúne várias influências e questões centrais na arte brasileira e latino-americana dos últimos 60 anos.

Neste sábado (14), a Casa Roberto Marinho, no Cosme Velho, recebe a exposição “Geometria Inquieta”, uma mostra que mapeia o percurso trilhado por Ascânio MMM em sua carreira: construtivismo, arquitetura, verdade dos materiais, dialética entre projeto e execução, arte em espaços públicos, tridimensionalidade e composição planar.

“A vontade da forma, inabalável a modismos, impulsionou o artista, com suas peças precisas e surpreendentes, na retomada de um ideal construtivo. Nesta rota, assim como seus antecessores neoconcretos, o uso contínuo da geometria não lhe aboliu o acaso nem a poesia”, destaca Lauro Cavalcanti, diretor

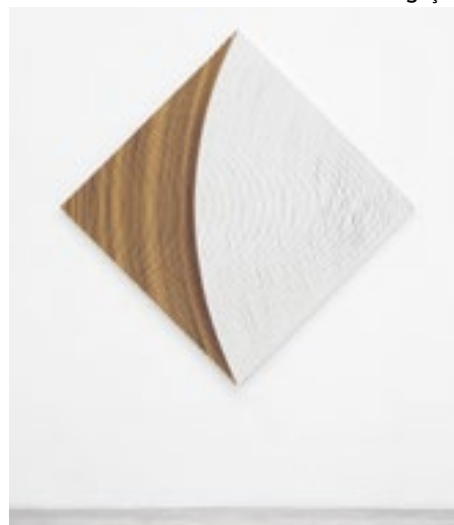
Casa Roberto Marinho recebe mostra que mapeia todo o percurso artístico de Ascânio MMM, um mestre das formas geométricas precisas e imponentes

executivo da Casa Roberto Marinho.

Sua escultura permanente no jardim da antiga residência do empresário, exemplo de transparência cinética estimulante ao olhar, ganha nestes meses outras companhias para celebrar a fusão entre arquitetura, obra de arte e a paisagem do jardim.

Por ocasião desta mostra Ascânio produziu uma peça em grande escala, Prisma 13, feita especialmente para o platô do jardim, no nível da ponte do curso do rio Carioca, que percorre os jardins da casa.

Divulgação



O diálogo da escultura com a floresta é estabelecido através da transparência e sua escala permite um bom passeio visual nos diversos níveis do terreno. A leveza de seus grandes volumes vazados produz a magia de não estar, ainda que estando.

Nos salões da Casa, uma extensa mostra de todas as facetas de sua trajetória, com frases dos críticos e historiadores que acompanharam a obra deste artista carioca nascido em Fão, Portugal. “Percorrer os espaços e ler os textos oferece uma compreensão clara dos caminhos e do ambiente cultural nos diversos momentos sociais do país. Aqui não apenas se celebra a permanência de sua poética em movimento, mas são também revisitadas as análises que sua obra suscitou em alguns dos principais pensadores da visualidade contemporânea brasileira”, acrescenta Cavalcanti.

No térreo da Casa, Ascânio empresta o seu olhar à escolha de peças da Coleção Roberto Marinho. Prossegue, assim, a tradição das individuais contemporâneas do Cosme Velho, nas quais os artistas convidados, além de exibir seus trabalhos, interagem e ressignificam obras do acervo do local.

As peças de Ascânio reúnem otimismo, ceticismo bem-humorado e uma estética que não se envergonha da própria beleza. Esculturas, pinturas, desenhos, cruzamento de linguagens, testes de limite, objetos não identificados e astrolábios do presente. Uma espécie de arqueologia do futuro possível para o ofício de um artista brasileiro construtivo.

SERVIÇO

ASCÂNIO MMM - GEOMETRIA INQUIETA

Casa Roberto Marinho (Rua Cosme Velho, 1105)

De 14/12 a 30/3, de terça-feira a domingo (12h às 18h)

Ingressos: R\$ 10, R\$ 5 (meia) e R\$ 10 (ingresso família: válido aos domingos para até 4 pessoas) e gratuito (quartas-feiras)